

Índice de vagas para o Brasil*

Ricardo Paes de Barros**

Sergio Firpo***

Miguel N. Foguel****

1. INTRODUÇÃO



o fim de acompanhar a evolução do volume de empregos ofertados na economia, diversos países vêm elaborando indicadores que procuram captar as variações no número de vagas oferecidas pelas empresas. A utilidade desses indicadores é ampla, uma vez que contém informações sobre o desempenho da economia em geral e do mercado de trabalho em particular. Por essa razão, esses indicadores servem como importante instrumento de direcionamento de políticas públicas, principalmente na área do trabalho.

Em linhas gerais, esses indicadores são construídos com base no total de anúncios de emprego publicados nos jornais de grande circulação. Essa metodologia está baseada na idéia de que a evolução do número de vagas abertas no mercado de trabalho está fortemente correlacionada com as variações observadas no total de anúncios de emprego que as empresas publicam nos jornais.

O principal objetivo desta estudo é divulgar os resultados para esse indicador, que recebeu a denominação de Índice de Vagas. Além dessa introdução, este trabalho conta com três outras seções. Na primeira, discutem-se algumas questões associadas às relações existentes entre os conceitos de vaga, desemprego e anúncios de emprego. Na segunda, apresenta-se a metodologia utilizada para a construção do índice. Finalmente, na terceira seção, são apresentados os resultados obtidos e a evolução temporal do Índice de Vagas.

2. VAGAS, DESEMPREGO E ANÚNCIOS DE EMPREGO

2.1 POR QUE EXISTEM VAGAS?

Da mesma forma que em todo ponto no tempo sempre existe uma fração dos trabalhadores buscando emprego, também a todo instante sempre existe uma fração das firmas buscando empregados. A razão dessa busca está relacionada à existência de informação incompleta e assimétrica dos agentes: os trabalhadores não estão perfeitamente informados dos postos de trabalho disponíveis hoje e no futuro próximo, e as firmas não estão plenamente informadas sobre qual a disponibilidade e disposição para trabalhar de trabalhadores de variadas

qualificações ao salário que a empresa pretende pagar. Portanto, é a presença de imperfeições de informação entre os agentes que explica a existência de vagas abertas no mercado de trabalho.

2.2. A EXISTÊNCIA DE VAGAS É UMA INDICAÇÃO DE INEFICIÊNCIA ECONÔMICA?

A busca contínua por parte de trabalhadores e firmas causada por imperfeições de informação pode ser reduzida pela criação de sistemas eficientes de intermediação de mão-de-obra. Entretanto, cumpre ressaltar que o processo de busca e a consequente subutilização dos recursos humanos disponíveis relacionada à existência de imperfeições de informação não chegam a constituir ineficiência econômica. Isso ocorre pois a eliminação ou redução dessas imperfeições têm custos não apenas privados mas também sociais. Em outras palavras, se a diminuição ou eventual eliminação das imperfeições informacionais pudesse ser realizada com custo zero, então poderíamos dizer que existe ineficiência econômica. No entanto, como a redução (eliminação) dessas imperfeições envolve custos diversos, a existência de imperfeições de informação entre os agentes não necessariamente implica ineficiência econômica.

2.3. VAGAS E DESEMPREGO

Vagas são postos de trabalho não ocupados e desempregados são trabalhadores não utilizados. A princípio, é possível pensar em um programa de intermediação ideal que eliminasse toda a imperfeição informacional e que, portanto, seria capaz de ocupar todas as vagas – caso o número de vagas fosse menor que o de desempregados – ou todos os desempregados – caso existissem mais vagas do que desempregados. No entanto, essa avaliação é incorreta uma vez que, mesmo nesse caso, existe grande heterogeneidade entre trabalhado-

*

Gostaríamos de agradecer a valiosa colaboração de todos os jornais que forneceram dados para a elaboração desse estudo. São eles: Jornal do Brasil, O Globo, O Dia, O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo. Gostaríamos de agradecer também à Gabriela Garcia pelo excelente trabalho de assistência de pesquisa.

**

Diretor da Diretoria de Estudos e Políticas Sociais do IPEA.

Bolsista no IPEA e mestrando de economia na PUC/RJ.

Técnico de pesquisa do IPEA.

res e vagas. Dessa forma, mesmo que o número de vagas e desempregados fosse o mesmo e as falhas de informação fossem eliminadas, existiriam vagas não preenchidas e desempregados não utilizados, já que poderia haver ou (i) vagas para as quais não existiriam trabalhadores suficientemente qualificados ou interessados em preenchê-las, ou (ii) desempregados para os quais não existiriam postos de trabalho adequados.

Assim, pode-se dizer que tanto o conjunto das vagas em cada ponto no tempo como o conjunto dos desempregados pode ser dividido em três partes. Será chamado de desemprego estrutural aquela parcela do desemprego que existe devido ao número insuficiente de vagas na economia. Analogamente, serão chamadas de vagas estruturais aquela parcela das vagas que existe devido ao número insuficiente de trabalhadores desempregados na economia.

A fim de definir as duas outras partes, suponha-se que os totais de vagas e de desempregados fossem o mesmo – isto é, admita-se que o desemprego (vagas) estrutural não existisse ou fosse eliminado. Assim, pode-se definir uma segunda parte do desemprego e das vagas não preenchidas em função da existência de imperfeições informacionais, ou seja, da presença de empresas (desempregados) que não detêm informações “suficientes” para preencher as vagas abertas. A esse conjunto de vagas e de desempregados pode-se dar o nome de desemprego friccional.

Uma terceira parcela do desemprego e das vagas abertas está relacionada ao descasamento entre as características dos desempregados e das vagas. Em outras palavras, pode-se definir o desemprego de descasamento como aquela parcela do desemprego (vagas) que se deve à incompatibilidade entre o perfil do desempregado e o perfil da vaga. Por exemplo, se as empresas estiverem demandando empregados com alta especialização e naquele momento do tempo não existirem desempregados com esse perfil, então aparecerá o desemprego (vagas) devido ao descasamento entre a oferta e a demanda de mão-de-obra. Vale notar que esse tipo de desemprego é independente da existência de imperfeição informacional entre os agentes. Com efeito, mesmo que a informação fosse perfeita, sempre existiriam desempregados com perfis inadequados às vagas abertas e vice-versa.

Devido à presença dessas diferentes formas de desemprego, as informações sobre a evolução do número de vagas são fundamentais para a identificação das parcelas do desemprego que se devem a fatores friccional, de descasamento, e estruturais. Cada

uma dessas formas de desemprego demanda políticas distintas. A redução do desemprego friccional demanda um melhor fluxo informacional, que pode ser alcançado com base no aperfeiçoamento dos programas e sistemas de intermediação de mão-de-obra. O desemprego por descasamento pode ser reduzido a partir de programas de retreinamento da mão-de-obra. Já a diminuição do desemprego estrutural está condicionado ao aumento do número de vagas, que depende basicamente do crescimento econômico

2.4. VAGAS VERSUS VAGAS ANUNCIADAS

O que se quer medir são vagas, mas o que em geral se consegue medir é o anúncio de vagas. Da mesma forma, em geral se deseja medir o volume de trabalhadores sem trabalho porém com disponibilidade e interesse em trabalhar, mas o que se acaba medindo para construir a taxa de desemprego é o número de trabalhadores sem trabalho e que efetivamente buscaram trabalho. A questão básica é como medir a efetiva disponibilidade de uma vaga ou o efetivo interesse de uma pessoa em trabalhar. Geralmente, a regra é tratar uma pessoa como de fato interessada em trabalhar somente se ela tomou alguma medida efetiva para buscar trabalho. De forma análoga, está se tratando a vaga numa firma como efetivamente disponível apenas quando essa firma concretiza alguma ação para divulgar a disponibilidade e o seu interesse em preencher essa vaga anunciando-a de alguma forma.

2.5. ANÚNCIO DE VAGAS VERSUS ANÚNCIO DE VAGAS EM JORNAIS

Vagas devem ser então medidas como o volume total de vagas efetivamente anunciadas pelas empresas, que se utilizam um amplo rol de formas (tecnologias) para anunciar a abertura de vagas. Embora se possa ter continuadas discussões sobre quais as formas de divulgação deveriam ser consideradas como formas efetivas de divulgação (na definição de desemprego tem-se problema similar; por exemplo, existe uma tendência atual de descaracterizar a simples consulta a parentes como uma forma efetiva de busca de trabalho), sem dúvida o anúncio em jornais não constitui a única alternativa disponível.

Um outro ponto importante a se notar é que pode existir mais de uma vaga sendo anunciada em cada anúncio de emprego no jornal. No entanto, como muitas vezes o número de vagas por anúncio não está nele explicitado, torna-se praticamente inviável captar o total de vagas anunciadas nos jornais.

Assim, sob certas circunstâncias especiais, o crescimento no volume de anúncios de emprego em jornais seria uma proxy adequada para o crescimento do número de vagas. Contudo, para que isso ocorra, é preciso que se mantenham constantes duas relações: (i) a razão entre o número de vagas anunciadas e o total de vagas anunciadas em jornal; e, (ii) a razão entre o total de vagas anunciadas por anúncio de emprego e o total de anúncio de emprego publicados nos jornais.

Embora essa situação possa ser uma aproximação razoável para a realidade, e como ela será essencial para a interpretação do índice apresentado neste trabalho, é importante frisar quais os fatores que tendem a gerar desvios em relação a essa situação.

Como o anúncio em jornais é apenas uma das formas alternativas de divulgação disponíveis para as firmas, o volume de anúncios de emprego publicado em jornais – e, por conseguinte, a sua participação no volume total de anúncios de vagas – depende dos preços relativos das diferentes alternativas. Assim, caso o preço de um anúncio em jornal decline, é de se esperar que, mesmo se o volume total de vagas sendo anunciadas se mantiver constante, a fração anunciada em jornais aumente¹. Nesse caso, um índice baseado apenas em vagas anunciadas em jornais mostraria um crescimento devido à mudança no preço do anúncio, e não a um aumento real do número de vagas. Da mesma forma, mudanças no preço de outras formas de divulgação teria o mesmo efeito de alterar a proporção das vagas divulgadas por meio de anúncios de jornal. Note-se que, mesmo se todos os preços das diversas formas de divulgação crescerem proporcionalmente, não se pode garantir que a participação dos anúncios de emprego publicados em jornal permanecerá constante.

3. METODOLOGIA DE CONSTRUÇÃO DO ÍNDICE DE VAGAS

3.1. INFORMAÇÕES INICIAIS

Os dados utilizados para a construção do Índice de Vagas referem-se ao total mensal de anúncios de emprego publicados nos jornais participantes. A maior parte dos jornais conseguiu recuperar esses dados desde o final dos anos oitenta, o que possibilitou a construção do Índice de Vagas para os últimos dez anos.

A princípio, apenas os dados de jornais dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo foram utilizados. Assim, foi possível obter dois índices, um para cada estado. Vale observar que, como uma maior abrangência geográfica do Índice de Vagas é desejável, no futuro pretende-se estendê-lo para os

estados que abrigam as principais regiões metropolitanas do país.

Para a construção do Índice de Vagas para o Rio de Janeiro lançou-se mão dos dados fornecidos pelos seguintes jornais: Jornal do Brasil, O Dia e O Globo. As séries de total de anúncios mensais dos dois primeiros jornais remontam a janeiro de 1988, enquanto a do jornal O Globo começa em janeiro de 1993. Para a construção do Índice de Vagas para São Paulo, foram utilizados os dados dos jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo. Ambas as séries fornecidas por esses jornais se iniciam em janeiro de 1990.

Deve-se notar que os jornais participantes estão entre os de maior circulação em seus respectivos estados. Optou-se pela utilização dos dados de mais de um jornal por estado por dois motivos. Em primeiro lugar, para que os índices não se tornassem demasiadamente influenciados por oscilações bruscas e idiossincráticas em cada jornal. Em segundo lugar, para que se obtivesse o máximo de informação sobre o total de anúncios para diferentes tipos de emprego, os quais podem aparecer em jornais com perfis distintos. Em contrapartida, cumpre observar que a presença de jornais concorrentes para um determinado segmento de leitores pode acarretar a dupla contagem de um mesmo anúncio, já que este pode aparecer em mais de um jornal. Entretanto, sob a hipótese de que os jornais não alterem os perfis de seus leitores e de seus anunciantes, a dupla contagem em nada altera o índice.

3.2. A CONSTRUÇÃO DO ÍNDICE DE VAGAS

A construção do Índice de Vagas seguiu os seguintes passos. Primeiramente, as séries mensais de cada jornal foram ajustadas para um mês padrão, que ficou definido como um mês de trinta dias com quatro domingos. Isso foi feito pois sabe-se que, em geral, domingos tendem a ser os dias de maior publicação de anúncios de oferta de emprego, e que em meses mais longos o total reportado por cada jornal deve se elevar.

A correção para o número de domingos e de dias do mês foi feita para cada jornal, multiplicando-se o seu fator de correção pelo total mensal de anúncios de emprego reportados. Tal fator é:

¹ Deve-se notar que a redução no preço da divulgação de vagas pode levar as firmas a anunciarem vagas cujo preenchimento ela teria interesse marginal e que antes não tinha se dado ao trabalho de divulgar dado o alto custo da divulgação. Isso pode fazer com que o total de vagas anunciadas aumente.

$$F_{j, m} = [4p_j + 26] / [D_m p_j + (M_m - D_m)]$$

onde o subscrito *j* se refere a cada jornal e o subscrito *m* a cada mês de um determinado ano. Além disso, *p* é o peso de um domingo em relação a um não domingo, ou seja, o quanto se tem a mais, em média, de anúncios de emprego nos domingos relativamente aos outros dias da semana, para cada jornal. Já *D* e *M* são, respectivamente, os números de domingos e de dias de cada mês em cada ano.²

Em seguida, foram somados os anúncios dos jornais para cada estado. Tornou-se necessário realizar uma correção para a ausência do jornal O Globo no índice do Rio de Janeiro no período anterior a janeiro de 1993, já que as informações para este jornal iniciam-se somente a partir desta data. Lembrando-se que para a construção de um índice os dados relevantes são as variações, a operacionalização da correção foi realizada da seguinte forma. Até janeiro de 1993 (inclusive), o índice para o Rio de Janeiro reflete somente as variações ocorridas no total de anúncios de emprego dos jornais O Dia e Jornal do Brasil. A partir de fevereiro de 1993, foram incluídos os dados de anúncios de emprego do jornal O Globo, com a variação ocorrida entre janeiro e fevereiro daquele ano tendo sido calculada incorporando-se o total de anúncios de emprego deste jornal no mês de janeiro. Feita essa correção, e tomando-se como base 100 a média dos anúncios em 1996, toda a série do índice pode ser construída com base nas variações desde janeiro de 1988 até o último par de meses.

A princípio, a correção descrita para o índice do Rio de Janeiro não caberia para São Paulo, uma vez que ambos os jornais participantes forneceram dados desde janeiro de 1990. Entretanto, devido a uma mudança de natureza comercial ocorrida nos anúncios da Folha de S. Paulo, o total reportado por este jornal sofre uma expressiva variação a partir de fevereiro de 1996. Para a correção dessa abrupta mudança, procedeu-se seguindo os mesmos passos descritos anteriormente para a inclusão de um jornal adicional no Rio de Janeiro. A diferença é que, no caso do índice de São Paulo, os dados da Folha de S. Paulo são utilizados desde janeiro de 1990, exceção feita para o par de meses de janeiro/fevereiro de 1996, no qual o índice de vagas foi calculado somente com base nos dados do jornal O Estado de S. Paulo.

O último passo na construção do Índice de Vagas foi a agregação dos dois índices. Obteve-se, assim, um único índice para o Rio de Janeiro e São Paulo, o qual nada mais é do que a média ponderada dos dois índices anteriormente calculados. Os índi-

ces foram ponderados com base na participação no total da população empregada – ou seja, o total de empregados com e sem carteira assinada – em cada Região Metropolitana.³ O Índice de Vagas agregado se inicia em janeiro de 1990, já que só existem informações disponíveis para as duas regiões a partir desta data.

3.3. SUMÁRIO DOS PASSOS PARA A CONSTRUÇÃO DO ÍNDICE

A seguir, apresenta-se resumidamente como foi realizada a construção do Índice de Vagas:

- a) correção para o número de domingos e de dias do mês para cada jornal;
- b) agregação para cada estado dos anúncios mensais corrigidos dos jornais;
- c) correções: (i) para o Rio de Janeiro devido à ausência de dados do jornal O Globo para o período anterior a janeiro de 1993; e, (ii) para São Paulo devido à mudança de natureza comercial do jornal Folha de S. Paulo em fevereiro de 1996;
- d) padronização dos índices tomando como base 100 a média em cada estado no ano de 1996;
- e) agregação dos índices, utilizando-se como ponderador a participação na população empregada das regiões metropolitanas do Rio de Janeiro e de São Paulo;
- f) padronização do índice agregado tomando como base 100 a média no ano de 1996.

4. CONSIDERAÇÕES SOBRE A EVOLUÇÃO TEMPORAL DO ÍNDICE DE VAGAS

O Gráfico 1, no qual se apresentam médias móveis de 12 meses, mostra um certo sincronismo entre os índices do Rio de Janeiro e de São Paulo. Entre 1990 e o fim de 1992, os anúncios de emprego seguem uma trajetória declinante nos dois estados, haven-

2

Os pesos dos domingos para cada jornal foram calculados lançando-se mão da técnica de regressão linear. As regressões foram rodadas por mínimos quadrados ordinários e especificadas sem intercepto. Elas tiveram como variável dependente o total de anúncios por mês de cada jornal e como variáveis independentes o número de domingos e o número de dias que não os domingos para cada mês. Portanto, os coeficientes estimados das regressões são, respectivamente, as médias de anúncios dominicais e não dominicais para cada jornal. O peso dos domingos para cada jornal foi estimada pela razão dos coeficientes encontrados em cada regressão. Vale observar que a técnica de regressão foi utilizada pois a informação mensal do total de anúncios de emprego publicados nos domingos não estava disponível para a maior parte dos jornais e para a maior parte do período coberto.

3

Os dados mensais sobre a população empregada foram obtidos a partir da Pesquisa Mensal de Emprego (PME-IBGE).

do recuperação – um pouco mais cedo para o Rio – a partir do início de 1993. Desde então, e até meados de 1995, os dois índices caminharam na mesma direção ascendente, exceção feita ao primeiro semestre de 1994, quando o índice do Rio de Janeiro sofre uma pequena retração. A partir do segundo semestre de 1995, o índice para o Rio de Janeiro inicia um trajetória declinante, que se estende até o final da série (março de 1999). Nesse período, o índice de São Paulo também segue uma trajetória de declínio. No entanto, distintamente do caso do Rio de Janeiro, o índice de São Paulo experimenta uma elevação entre meados de 1996 e de 1997. Os Gráficos 2 e 3 permitem acompanhar mais detalhadamente a trajetória do Índice de Vagas para cada estado isoladamente.

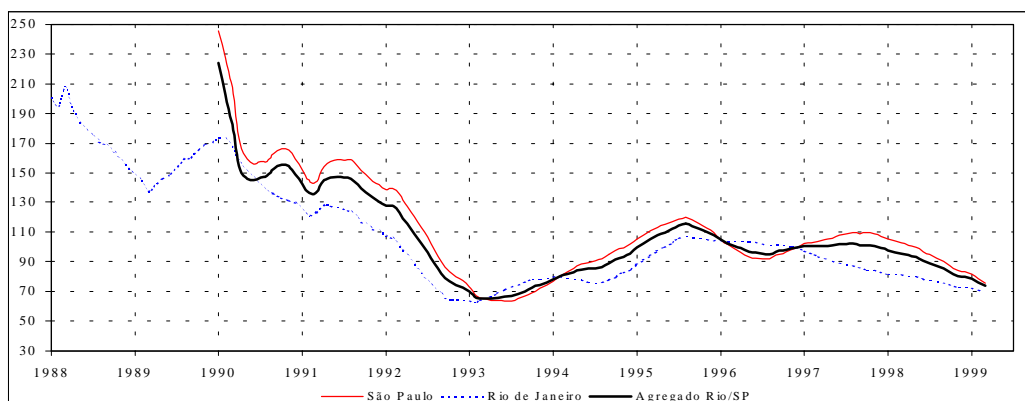
O índice agregado para Rio de Janeiro e São Paulo aparece nos Gráficos 1 e 4. Como é uma média ponderada dos índices desses

dois estados, o índice agregado oscila conforme as variações nesses dois índices, dando, porém, peso quase duas vezes maior a São Paulo devido à sua maior participação no total da população empregada.

Da descrição do comportamento temporal do Índice de Vagas depreende-se o seu comportamento pró-cíclico. De fato, nota-se que nos períodos de queda do nível de atividade econômica o Índice de Vagas declina, enquanto nos períodos de recuperação de atividade ocorre o inverso.

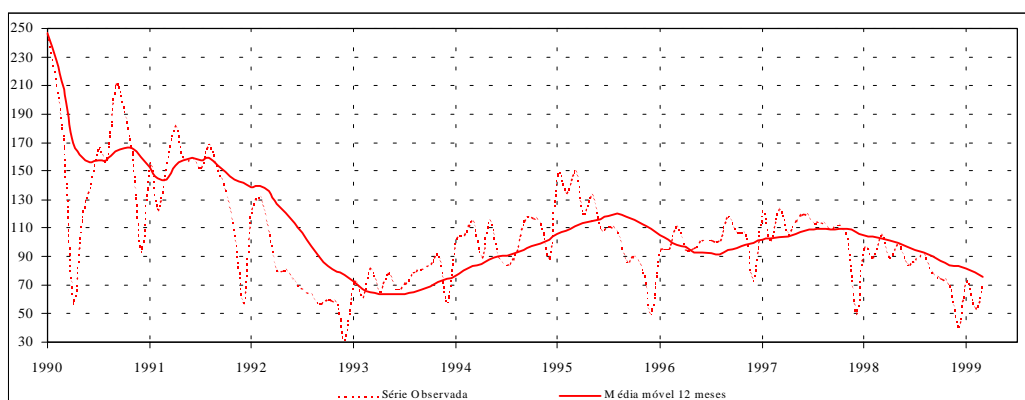
É interessante observar ainda, com base nos gráficos 2 e 3, a sazonalidade existente no mês de dezembro. Há nesse mês uma redução significativa no número de anúncios, talvez ocasionada pela presença das festas de fim de ano e pelo fato de que muitas empresas já fizeram as contratações para fazer frente ao aumento de demanda que geralmente se verifica nesse mês.

GRÁFICO 1
Evolução do Índice de Vagas



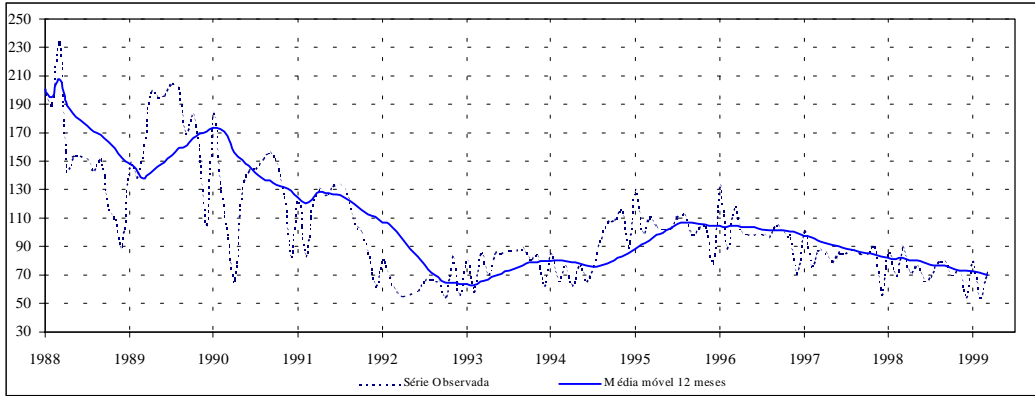
Fonte: Construído com base nas informações fornecidas pelos jornais O Globo, O Dia, Jornal do Brasil, O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo.
Nota: (1) Média de 1996=100; (2) As séries apresentadas são média móvel de 12 meses.

GRÁFICO 2
Evolução do Índice de Vagas para São Paulo



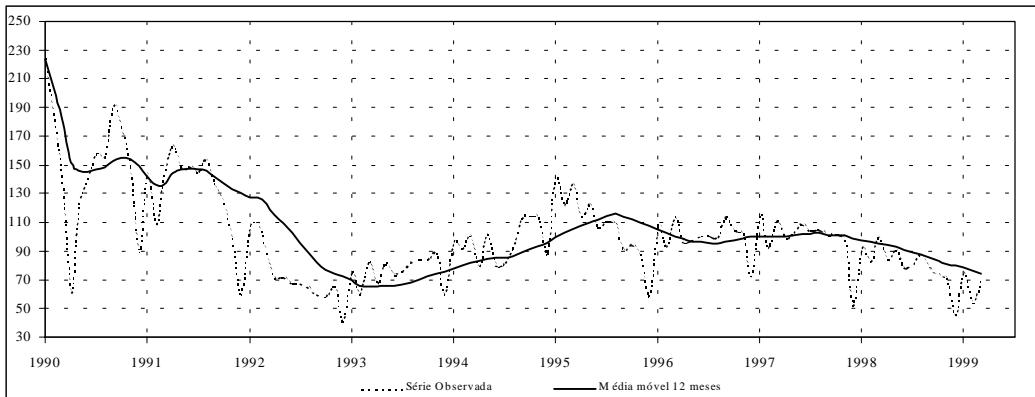
Fonte: Construído com base nas informações fornecidas pelos jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo.
Nota: (1) Média de 1996=100.

GRÁFICO 3
Evolução do Índice de Vagas para o Rio de Janeiro



Fonte: Construído com base nas informações fornecidas pelos jornais O Globo, O Dia e Jornal do Brasil.
Nota: (1) Média de 1996=100.

GRÁFICO 4
Evolução do Índice de Vagas para São Paulo



Fonte: Construído com base nas informações fornecidas pelos jornais O Globo, O Dia, Jornal do Brasil, O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo.
Nota: (1) Média de 1996=100.